

O pão das almas

Cláudio Aguiar

"É fácil fugir de uma lança, mas não de um punhal oculto".
Provérbio chinês.

Macário andou de um lado para o outro da sala. Tudo arrumado como sempre: as cadeiras vazias com as palhinhas amareladas, a mesa posta com rosas já murchas e um atroz silêncio a devorar as intermináveis horas.

Por que murcharam as rosas? Ele não queria admitir que o encolhimento delas fora provocado pelos olhares da última visita que recebera em sua casa. Não queria, mas certa feita o velho que morava lá para as bandas das Ruínas do Monte lhe dissera que os olhos de algumas criaturas transmitem uma luz que atinge positiva ou negativamente as coisas ou as pessoas.

As horas rodavam com o sol que, de modo impassível, desenhava no chão seco o beiral da casa. Tudo dava a impressão de uma eterna imobilidade, apesar de saber-se que todas as coisas estão em perpétuo movimento.

Bastaria levantar a cabeça para o alto e ver que as nuvens assumem as mais curiosas formas, mas, dentro de alguns minutos, são alteradas e oferecem outras insólitas imagens. Aos olhos dele, a harmoniosa saliência de um ovo era quebrada para se transformar num cavalo saltador a esquiar sob o comando de anjos nus que, por sua vez, de forma imperceptível, iam se condensando em triângulos, quadriláteros, losangos e outras figuras geométricas. Nunca mais voltariam a ser cavalos nem anjos. De repente, a depender

da força do vento, surgiam urubus marcando de negro o céu limpo e profundo, enquanto, sobre o causticante chão, inúmeras linhas oriundas das sombras dos ramos de mato ralo assumiam proporções estranhas.

Durante um bom tempo ele contemplou essas esfuziantes linhas que poderiam lembrar histórias de assombrar ou encantar inocentes criancinhas, mas a verdade é que a imagem da mulher enferma sobre a cama o impedia de ir adiante em suas conclusões. O tempo, indiferente a tudo, tecia o seu destino e o das trôpegas sombras que bailavam e esbatiam-se contra a luz forte aderida ao mormaço que invadia toda a casa. Apesar de tudo, porém, aquelas visões e impressões ante os olhos angustiantes daquele homem que se cansara de consumir incertezas, iam pouco a pouco marcando o seu destino. Aquele dia, para ele, iria figurar no roteiro de sua memória jamais escrito como o limite diferencial de suas provações. Jamais pensara suportar tanta dor. Rosa, contrariando a saúde demonstrada no passado recente, permanecia deitada e silenciosa, apesar da maravilhosa claridade de um dia que ela se acostumara a cantar em prosa e verso. Ele, porém, no seu íntimo, ainda alimentava a esperança de que a qualquer momento ela deixaria de ser apenas uma criatura adormecida e sem

vontade para nada e voltaria a ser a esposa dedicada que ele sempre sonhara ter. E esforçou-se para evitar que à sua mente assomassem as esquemáticas comparações que chegavam como fantasmas ou fatais premonições. Voltou a olhar para seu corpo inerte e continuou a imaginar coisas terríveis... Será que os olhos dela também estavam secos como os tenros estelos da roseira do jardim, que ele regava com carinho e agora via com um simples desvio da cabeça? Será? A sombra, lá fora, era vencida pelo sol. Aquela lenta mutação de formas e linhas das sombras em tudo se parecia com as silhuetas dos frágeis braços de sua mulher, abertos em cruz, sobre os lençóis brancos que adornavam a velha cama de amarelo vinhático armada no quarto íntimo. Ela não parecia estar só doente, mas murcha como as rosas que ele retirara da roseira do jardim para o cuidado arranjo que também dormia sobre a mesa da sala. Para as rosas ele já não via remédio, mas para sua amada, sim. E, de súbito, levantou-se e resolveu ir à cidade comprar medicamentos. Era preciso, outra vez, recorrer à medicina. Já acontecera aquilo antes e só essa providência lhe trouxera a necessária tranqüilidade.

Antes de sair, atendendo mais à voz de velhas lembranças do que as que lhe proporcionava o inquietante presente, fez retornar o pé esquerdo para dentro e para fora o direito... À sua frente, o caminho. Para trás, a casa. Ali deixaria toda sua vida, resumida numa estranha imagem: um corpo de mulher sobre a cama, coberto com alvos lençóis e panos mornos, com a cabeça apoiada num fofo travesseiro. O delírio era o único conforto que possivelmente ela desfrutava. Não havia outra saída para ele. Pensou no pior e viu-se vencido pela superstição:

– “Entra e sai pela mesma porta!”

Voltou a entrar e, da porta do quarto, contemplou-a imóvel e submissa sobre a cama. Não parecia uma pessoa, mas uma coisa. Essa imagem não ofendia sua amada. Num gesto maquinal e inexplicável retirou da cintura o punhal, devagar o despiu da bainha e o colocou perigosamente cortante debaixo do pequeno travesseiro que recebia a insone cabeça da amada. Ela, de olhos fechados, nada percebeu. Certo disso, ele partiu resolutamente para a cidade.

O caminho, aparentemente igual a todos os outros que conhecera, era, no entanto, bastante deserto. Num longo trecho não havia casas por perto e, até chegar numa que pudesse, por exemplo, beber água, teria que andar muito. Por isso, andava quase trotando, o que deixava seus pés dormentes. Verificou que ainda não ultrapassara a primeira cruz de beira de estrada pertencente ao homem mais honesto do lugar, encontrado morto ao lado do caminho. Ao vê-la, para seu espanto, sua mente povoava-se de maus pressentimentos. Aos seus olhos, como sempre, chegavam estranhas imagens. Já via a cidade, mas permanecia distante, apesar do intenso ritmo que imprimia a seus pés. Nem quando sapateara nas festas de outrora conseguira igual planura. De repente, ao baixar os olhos para o chão, teve a impressão de ver uma sibilante cobra reluzir contra a aba de sua calça de mescla. Em vez de parar e defender-se deste perigo mortal, preferiu não interromper a marcha e deixou que à sua mente voltasse a voz do velho das Ruínas do Monte:

– “Quem uma cobra matou,
no andar mude a direção;
pois a outra que ficou,
o matará à traição”.

Na realidade, os seus pés, ágeis como vinham, não pisaram sobre a cobra, mas, que fazer diante da sensação de que tal fato aconteceu em sua mente? Apesar disso ele não alterou a marcha. A vontade de chegar era muita, mas de salvar sua mulher bem maior. Foi em frente. Depois riu do que havia pensado: a suposta cobra talvez não passasse de uma sombra que serpenteara entre seus pés. Por isso, suspeitou de que não devia confiar tanto nos seus olhos.

Ao ultrapassar a curva da estrada, encontrou a primeira casa, onde vivia o homem de olhos maltratadores que o visitara no dia anterior. Não fora chamado, mas ficou por lá vistoriando tudo e achando belíssimas as rosas do jarro sobre a mesa. Foi depois de sua partida que a mulher caíra na cama e não mais se levantou.

A parada naquela casa foi algo que ele não soube explicar. Quando deu conta de si, estava diante da porta. E o que era de espantar: parado como estúpida estátua. Ah, que estultícia! E sem saber

por que motivo veio à sua mente a idéia de que ali poderia muito bem encontrar o remédio que iria salvar a sua amada. E se assim fosse voltaria para casa sem ter o trabalho de descer à cidade.

As mãos crispadas se movimentaram e bateram firmes à porta da casa. Em vez de ouvir a voz do homem de olhos maltratadores, ouviu a remota advertência do velho das Ruínas do Monte invadindo o seu interior:

– “Três vezes tem que bater, fechando a mão numa porta!”

– “E quem a mim ouvirá?”

Não houve resposta, mas, antes que ele retornasse ao caminho, em plena luz do dia o homem de olhos maltratadores, qual alma penada, abriu a porta e, parado, lá de dentro da sala sombreada, sorriu para ele. Do seu rosto saía um riso que não lhe dizia nada, mas parecia dizer tudo, aquela mistura de ar de indiferença com zombaria medida que só o silêncio camufla e guarda para o golpe final. Tinha um copo na mão e na outra uma vela acesa. Intrigado perguntou:

– Por que o copo na mão direita e na esquerda a vela acesa? Será que a luz do dia é pouca para clarear os olhos de quem tudo pensa ver?

O homem de olhos maltratadores nada respondeu. E não era preciso, porque suas calças molhadas denunciavam abundante urina a escorrer pelo dedão do pé, enquanto a pouca inclinação do piso a levava em direção à porta entreaberta. O vento, apesar de escasso, soprava a chama da vela para um dos lados. O homem permanecia firme, parecendo ditar o entendimento das palavras do velho das Ruínas do Monte:

– “Há de morrer e sem fala,
E muito breve o cristão,
Que beber água na sala,
Com vela trazendo a mão”.

Diante desse quadro, ele nada acrescentou. Virou o rosto para o lado oposto e seguiu o caminho que se estirava à sua frente. A cidade era o seu destino. Novamente se inquietou, porque apareciam mais cruzeiros na beira da estrada, quase sempre como marcos de encruzilhadas. A próxima, pensava, merecia uma parada, pois todos que por ali passavam, obrigatoriamente, veneravam a alma daquela criatura que, numa noite de lua cheia, tombara

trespassado por um trovão jogado como raio de fogo. Somente o homem de olhos maltratadores dissera que ouvira o grito e antes do grito, o seco estalo do gatilho acionado. O morto, diziam, para santo não faltava nada. Ele coçou a cabeça e perguntou: por que se matam santos? Não ouviu nenhuma resposta de seu interior nem do velho das ruínas. Só o vento fraco e indeciso continuava a soprar.

Ele voltou a lembrar-se das rosas de seu jardim e as confundiu com as que cresciam ao redor da cruz. Parou. Desta vez repetiu mentalmente um dos conselhos que ouvira do velho das Ruínas do Monte:

– “Cada pedra que se atira
No pé da cruz de uma estrada,
Um pecado se retira
Daquela alma penada”.

A pedra foi jogada contra a cruz, sem que ele soubesse como ela chegara à sua mão. Ao abrir os olhos, depois de um pequeno desabafo – “Que Deus o tenha em bom lugar!” – notou que em vez da pedra, na realidade, pensara jogar uma das moedas que levava no bolso para comprar o remédio de sua mulher. Abaixou-se sobre a cruz e retomou a moeda. Ela poderia fazer falta. Tirou o chapéu da cabeça, afastou-se um pouco, apanhou um seixo e o arremessou contra a cruz. Parece travessura de menino, pensou. A violência da pedra ao chocar-se contra a madeira daria para derrubar o corpo daquela criatura que sofrera a dor da morte sob o impacto da tocaia noturna.

Ele não quis mais perder tempo e, após concluir a penitência, saiu correndo dali, a passos de cavalo de primeira sela. A poeira transformava-se em redemoinhos a formar sombras com estranhas linhas sobre o chão. Por fim, chegou à cidade. Ultrapassou o arco flectido à Nossa Senhora das Montanhas, subiu uma pequena escada de pedra e atravessou a praça principal, um tanto elevada. Avançou e, adiante, viu que o dono da farmácia preparava-se para fechar a porta do seu estabelecimento. Gritou ainda de longe, faça-me o favor de esperar um momento, e, diante de seu apelo, o farmacêutico o atendeu. Retirou de uma velha prateleira o remédio procurado. Ele sentiu um grande alívio. Antes que outros pensamentos

tumultuassem ainda mais a sua angústia, pagou a conta e nem esperou pelo troco.

De volta constatou que as sombras projetadas pelos arvoredos já pendiam para o outro lado do caminho. Logo mais, refeito do medo de não ter encontrado o remédio, pensava, essas malditas sombras não me assustarão com seus fantasmas, mesmo que eles se transformem em monstros e persigam-me estrada afora. Por isso, ele preferia as noites escuras ao dia, ainda que correndo o risco de meter o dedo no olho.

Seus pés movimentavam-se com tanta rapidez que tinha a impressão de andar um pouco elevado do chão, livre das pedras e dos espinhos secos soltos pelo meio da estrada. A noite ainda não chegara e os seus olhos de caminhante divisavam a escuridão rondando próximo, enquanto a brisa roçava em seus cabelos. O chirriar de uma coruja que rasgava o céu negro, de repente, provocou-lhe um susto incomum, brandindo forte dentro do seu peito e chamando seus ouvidos para um canto lúgubre. Não custou muito a descobrir que aquilo se dera precisamente no instante em que lhe veio o eco da voz do velho das Ruínas do Monte.

– “Coruja que em céu escuro
A noite o seu canto espalha,
É morte certa, no duro,
Já está rasgando a mortalha”.

Ele zombou do chirriado da coruja e, com um sorriso no rosto, beijou a escuridão que cegava os seus olhos. Fez um rápido movimento da língua sobre seus próprios lábios mornos e sentiu um estranho gosto de sangue descer com a saliva que fora obrigado a engolir. Como pressentiu seus lábios roçando um no outro, lembrou-se dos da amada e os beijou ao ar livre, de olhos fechados, mas sem reduzir o ritmo da caminhada. Será que ela ainda permanece na cama na mesma posição?

Talvez a noite escura tenha concorrido para que ele chegasse mais ligeiro em sua casa. Só então se lembrou de um dito que ouvira de sua mãe:

– “A volta sempre é mais curta do que a ida”.

E pensou que isso ocorre porque na volta ou se sonha com as boas novas da chegada ou se endurece o coração para as coisas más ocorridas durante a ausência...

Ele nem notou que já estava no terreiro de sua casa. Meteu a mão no bolso e procurou a chave. Não foi preciso: a porta estava aberta. Entrou e, após o primeiro passo, assustou-se. Então, ele deixara a porta aberta? Ou fechara? Já não se recordava. Logo abandonou tal preocupação e, nervoso, marchou, de ponta de pés, para o quarto. Não queria despertar sua mulher com fortes ruídos.

No quarto – um espanto! – tudo estava em desalinho: a cama vazia, desarrumada, o travesseiro jogado à distância e pelo chão, pingos de sangue. Era incrível, mas, apesar da escassa iluminação da vela acesa sobre a mesa, ele conseguia ver tudo em precisos detalhes. Seus olhos, assustados e, ao mesmo tempo, incandescentes, como tochas de desespero, pareciam clarear o ambiente. Aquela cena invadia o seu peito e sangrava sua alma. Milhares de silhuetas informes foram geradas e, num átimo de segundo, reviveu o que se passara ali, enquanto seus olhos enchiam-se de lágrimas. A um lado da cama, morto sobre o chão batido, estava o cadáver de sua mulher; junto a ela, desfigurado e com os olhos esbugalhados no assombro do imprevisto, o corpo de um homem jazia morto com o punhal cravado em seu coração. Quem seria? Por que tudo aquilo acontecera?

Aproximou-se e o reconheceu: era o homem de olhos maltratadores. Tudo ficou claro como o dia. A voz do velho das Ruínas do Monte soou perfurante como lâmina de punhal: – “Eis o pão das almas!”

Macário, então, chorou baixo ante os corpos. Viu que não podia mais habitar aquele mundo de fantasmas e duendes e começou o seu banquete. Lentamente sacou do corpo inerte do homem de olhos maltratadores o punhal ensangüentado e com ele serviu-se da escuridão...

(Do livro a publicar *O Comedor de Sonhos*)